

cultural

Coveiros da Gramática

Guido Arturo Palomba

“Nós pega o peixe”, “Os menino pega o peixe”, “Os livro”, defende professora em livro distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA) a 484.195 alunos de 4.236 escolas.

A autora argumenta da seguinte maneira: “O importante é chamar a atenção para o fato de que a ideia de correto e incorreto no uso da língua deve ser substituída pela ideia de uso da língua adequado e inadequado, dependendo da situação comunicativa” (*O Estado de S. Paulo*, 13 de maio de 2011, p. A21).

Ou seja, para a autora, a frase “Menas ideologia os brasileiro precisa” pode ser adequada, dependendo da situação.

É difícil imaginar quando tal construção seria, de fato, aceitável. Mas vamos tentar. Talvez em casa, com os filhos menores? Não, pois amanhã serão adultos, membros do Estado, que impõe regras para disciplinar a vida entre as pessoas, sem as quais não há ordem nem deveres cívicos. Ora, sendo a gramática regras de Português, falar corretamente é dever cívico e adequado. Portanto, “menas ideologia” não se deve falar com os filhos.

Seria adequado na sala de aula? Também não, pois o Estado zela pela ordem e não agiria contra si próprio, com-

placente com o não cumprimento das regras, no caso, as de gramática.

Talvez, então, no trabalho, na padaria, nas rodinhas de bar, onde é adequado descumprir as regras?

A resposta, cada um terá a sua. Uns dirão: “Nunca, esforcemo-nos para sempre agir corretamente”; outros, como a autora do citado livro, defenderão o uso conforme a situação. Mas um fato é certo: nenhum professor, com letra maiúscula, se largará ao derrotismo ante o avolumamento da ignorância de seus alunos, a destruir a gramática do nosso idioma. Esses que defendem erros e mais erros — os mesmos com que falam os analfabetos — estão a atestar a desnecessidade de si mesmos, a inutilidade de escolas e de cursos, de aulas e de livros que ensinem a estrutura do idioma, cuja conduta autofágica nos leva a duvidar do seu bom senso, de sua inteireza social, da sua capacidade de lecionar o idioma pátrio.

O filólogo Napoleão Mendes de Almeida ponderava que coveiros da gramática podem atrair a simpatia de muitos, “para acobertar a própria incapacidade didática, quando não para ministrar aulas e tomar a lição dos alunos”. E arrematava afirmando que professor de língua pátria é médico, é sanitário, não agente obituário.

“Nós pega o peixe”, “Os livro” e “Os menino pega o peixe”, a constar como conteúdo de livro didático oficialmente distribuído pelo Governo Federal, é crime de lesa-pátria, é relaxamento para com os membros da Nação, instando-os à leniência com regras, e dói nos ouvidos.



Disponível em: <<http://ciberjornal.files.wordpress.com/2009/01/portugues1.jpg>>.

Lembranças sentimentais do Dr. Woiski

Fábio Leite Vichi

Personagem que marcou os tempos de sua passagem pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da mesma forma que em muitos lugares que percorreu, Dr. Woiski foi médico formado em 1933 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, depois denominada Universidade do Brasil — hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi, em suas lides profissionais, uma pessoa polêmica. Era estudioso, possuidor de grande curiosidade médica, exigente com os outros e consigo mesmo, autoritário, sentimental, iconoclasta e, às vezes, humilde, bem como um trabalhador de muito afinco.

Quando aportou, em 1956, para dirigir o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, já era consagrado como pediatra. Tinha origens próximas a São Paulo; fora, na Escola Paulista de Medicina, responsável pelo setor de Pediatria. Grato aos seus antecessores, convidou o Prof. Pedro de Alcântara, seu antigo superior, a ministrar a aula inaugural do curso sob seu comando, em Ribeirão Preto.

Os alunos das primeiras turmas da escola ficaram como que chocados pela sua atuação. Dr. Woiski era personalista demais. Aliava essa característica ao imenso carinho que tinha para com os pequenos doentes, não escondendo nunca suas emoções, que iam de gargalhadas a choros incontidos. Era dedicado, muito esforçado e competente, embora de reações imprevistas. A mesma turma que subscreveu uma petição ao diretor, solicitando a sua exoneração — não aceita —, o elegeu paraninfo, aliás, o terceiro da escola.

Foi chefe presente, atuante e, por vezes, irascível. Sua participação universitária ostentou uma resultante muito positiva. Foi admirado por muitos e fez escola. Era bom improvisador, transformando, como exemplo, porões em

ambulatórios. Exteriorizava grande insatisfação ante as misérias humanas. No dizer do diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Dr. Woiski era uma pessoa que amava as crianças, as quais, para ele, em geral, eram melhores que os adultos e possuíam direitos que nem sempre eram respeitados.

Convocado para cargos de comando relativo na escola, teve saldo também favorável. Expandiu os domínios de suas ações, ressaltando a importância de uma medicina rural e social. Foi professor e médico portador de muitas lembranças e lendas. Era prático, crítico das ações de outros colegas e muito pouco conciliador.

Um dia, aposentou-se e abandonou Ribeirão Preto. Voltou para São Paulo, atuando na Faculdade de Medicina da Santa Casa e em Taubaté. Quase nunca retornava à Ribeirão Preto, que ainda mantinha muitos de seus admiradores, os quais, distantes, acompanharam a doença que, devastando-o aos poucos, um dia o matou.

Foi no mês de setembro de 2003, e ele viveu 91 anos. Legou de sua longa vida o exemplo, uma vez que, reverenciado por todos que cruzaram com ele, tornou-se invisível e permanece presente, principalmente na memória.

Fábio Leite Vichi

Ex-aluno e docente aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Onde estarão elas no futuro?

Domingos G. Paula Beluci

Outro dia me dei conta de algo espantoso.

De repente, acordei para o fato de que, das dezenas de adolescentes que atendo como médico hebiatra (hebiatria é a especialidade médica para atendimento a adolescentes), talvez duas ou três apenas podem ser chamadas de *baixinhas*, mesmo estando no menor limite de estatura para a respectiva idade. Filhos e filhas de casais de estatura pequena ou média estão se transformando em gigantes, no limite máximo de normalidade ou até acima da estatura tida como normal. Quais as causas dessa mudança de parâmetros?

Será apenas pelo trato mais apurado da saúde, com vacinas, novos hábitos alimentares e combate mais efetivo das moléstias infecciosas? Seriam os exercícios físicos? Mas nós, adultos, vivemos reclamando que nossas crianças não se alimentam direito, que recusam verduras e frutas em troca dos famigerados lanches e das “porcarias industrializadas”...

Quanto aos exercícios, muitos não fazem mais que mexer os polegares no comando de suas batalhas virtuais diante do computador ou da tela da TV. Crianças que acompanhamos desde pequenas são trazidas e rerepresentadas a nós com um orgulho indisfarçado dos pais:

— Olha aí, doutor, está maior que eu!

É isso por volta dos treze ou quatorze anos.

Concomitantemente a esse aumento de estatura, o amadurecimento fisiológico das crianças e dos adolescentes está acontecendo cada vez mais cedo. Algumas garotas — não muitas, mas em número que começa a chamar a atenção — estão menstruando a partir dos dez anos, tornando-se, portanto, formas híbridas — metade criança, metade mulher. E começando a “ficar” já nessa idade totalmente imatura do desenvolvimento psicológico.

Ao mesmo tempo em que não sei explicar o motivo, me entristeço com as consequências desse “avanço” antropométrico e fisiológico.

Afinal, o mundo está ficando sem uma de suas preciosidades. Refiro-me àqueles seres maravilhosos, delicados e que concentram em si toda a graça da feminilidade. Tema



Disponível em: <http://silviania.wordpress.com/category/z-dia-dos-pais/>.

de composições, feitos especialmente para se aninhar nos braços e carinhos de homens, tanto grandes como pequenos. Portadores de uma fragilidade encantadora — e nem sempre real —, capaz de fazer brotar nos nossos corações masculinos aquele desejo invencível de proteger e consolar...

Afinal, me questiono, não apenas como médico mas também — ou principalmente — como homem de um metro e sessenta e dois centímetros de altura, com três filhas mais altas que eu:

— Seriam as baixinhas uma espécie em extinção?

Domingos G. Paula Beluci
Pediatra aposentado

Dr. Carlos José Botelho

Um médico polivalente

Gladstone F. Machado

Entre tantas personalidades notáveis do meio médico em São Paulo, o Dr. Carlos José Botelho se destaca por sua intensa e profícua atividade na Medicina, particularmente na cirurgia, na qual foi pioneiro, e igualmente na política e na agropecuária, por suas extraordinárias realizações.

Nasceu em Piracicaba, no dia 14 de maio de 1855, filho do Coronel Antonio Carlos de Arruda Botelho, Conde de Pinhal, e de Francisca Teodora de Arruda Botelho, tendo feito os estudos primários e colegiais na sua cidade natal e em Itu. Iniciou o curso médico na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, cursando-o até o 2º ano, quando transferiu-se para Paris, tendo se doutorado em 1878. Fez, a seguir, estágios de especialização em Cirurgia Geral e Urologia.

Retornando a São Paulo, após revalidar o diploma de médico, iniciou suas atividades na Santa Casa de Misericórdia, que funcionava no bairro da Liberdade, na rua da Glória, mudando-se definitivamente, a partir de 1884, para o monumental prédio, em estilo gótico, na Santa Cecília. Com sua inteligência e dinamismo, Carlos José Botelho logo se firmou como hábil cirurgião, implantando as inovações trazidas da famosa e conceituada Escola francesa; sistematizou a antisepsia e a assepsia operatórias, normatizando suas rotinas, e, ao lado de Nicolau Vergueiro, seguidor da disciplina da Escola alemã, era considerado o cirurgião mais brilhante e reconhecido do corpo clínico da Santa Casa; completava a tríade famosa daquela época Luis Pereira Barreto, inicialmente operador, como se chamava naquele tempo, depois clínico e higienista de renome.

Carlos José Botelho foi o primeiro diretor clínico da Santa Casa, cargo criado em 1884. Ele iniciou nessa época a delicada cirurgia de tireoide, sendo o primeiro a operar casos de bócio, e, ao lado da Cirurgia Geral, dedicou-se à Urologia, notadamente ao tratamento da calculose urinária e de suas complicações: praticou a talha hipogástrica para retirada de um cálculo vesical de 13 quilos em um menino de 12 anos.

No dizer de Costa Manso (em *Vultos da medicina brasileira*), ele foi, sem dúvida, o pioneiro da Urologia paulista,

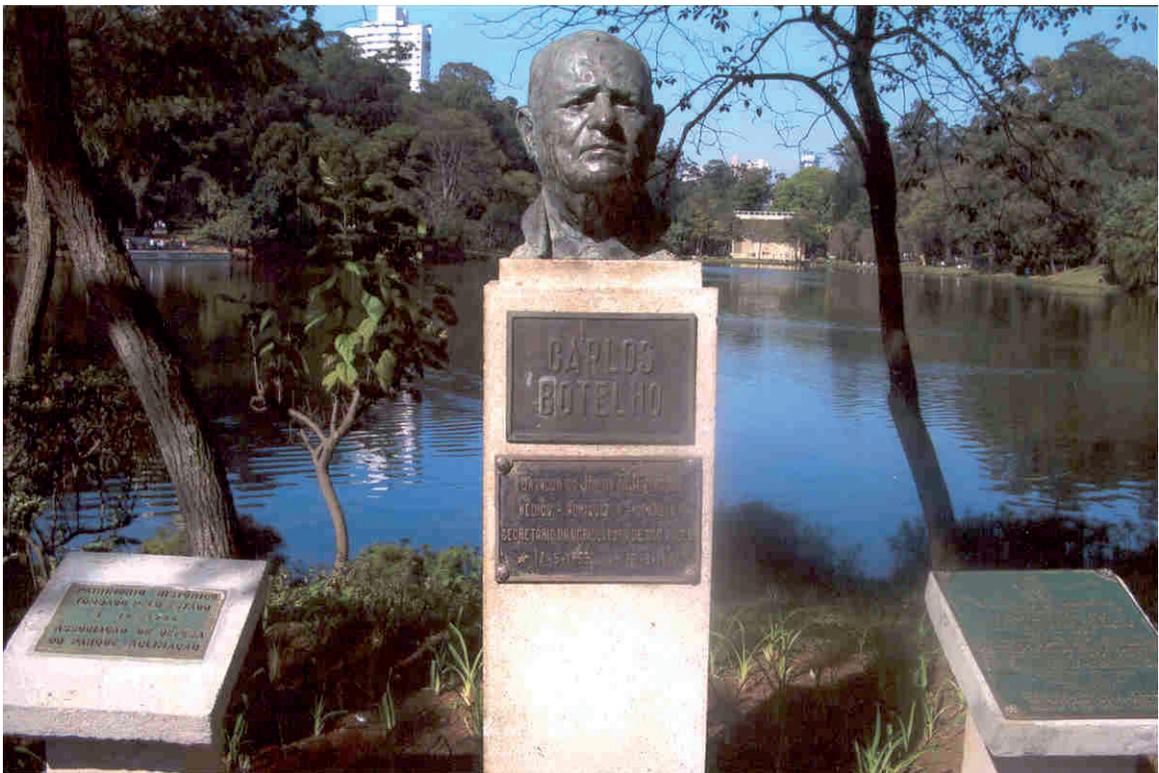
“o mais hábil especialista em questões urinárias; o nome unanimemente indicado para a regência da cátedra de vias urinárias das várias escolas médicas projetadas naqueles passados tempos”.

O Dr. Carlos José Botelho fundou o primeiro hospital particular de São Paulo, (a Casa de Saúde Dr. Botelho), hospital clínico e cirúrgico, situado no Brás, próximo à rua do Gasômetro. Em 1895, foi ele um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que, a partir de 1954, passou a chamar-se Academia de Medicina de São Paulo, tendo sido seu presidente no mandato de 1896-1897.

Espírito inquieto, portador de intensa cerebração, Carlos José Botelho afastou-se temporariamente da Medicina, dedicando-se à política e à agropecuária. Foi Senador Estadual e Secretário de Agricultura no governo de Jorge Tibiriçá (1904-1908), quando se empenhou na campanha para trazer imigrantes para São Paulo, tendo assinado o contrato que permitiu a entrada do primeiro grupo de japoneses, a partir do porto de Santos, no dia 18 de junho de 1908, pelo vapor Kasato Maru, que trouxe 165 famílias, totalizando 781 pessoas (Augusta Garcia Rocha Doria, *História dos Bairros de S. Paulo*). Antes de assumir o cargo de Secretário de Estado, José Botelho fizera uma viagem aos Estados Unidos, onde visitou várias fazendas e instituições de agricultura para conhecer seus sistemas de trabalho.

Entre as tantas obras realizadas, foi ele o fundador da conceituada Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba, construída em terras cedidas ao Estado pelo benemérito homem público Dr. Luiz Antonio de Souza Queiroz, contratando especialistas estrangeiros para seu corpo docente.

Criou o Jardim da Aclimação, fundado em 1892, em terras adquiridas por ele, onde instalou o primeiro zoológico de São Paulo. O nome foi tirado do célebre *Jardin d’Acclimatation*, uma dependência do Bois de Boulogne situada em Paris, que Botelho tanto admirava e frequentara em seus tempos de estudante. Instalou no referido parque, recém-criado, um salão de baile, um ringue de patinação, um cinema, um aquário, botes de aluguel, um coreto e uma lanchonete.



Busto do Dr. Carlos José Botelho, no Jardim da Aclimação, inaugurado em 14 de maio de 1955, em cuja solenidade discursou o Dr. Ayres Netto, representando a classe médica.

Interessante lembrar que, em 1939, na gestão de Prestes Maia, a prefeitura comprou toda a área. Houve, então, um período de abandono e declínio, sendo que, em 1955, na gestão William Salem, foi executada ali uma grande reforma, completada na administração Figueiredo Ferraz, em 1972 (Sílvia Gonçalves Arruda, *O Parque da Aclimação*).

Hoje constitui um tradicional ponto de lazer, com instalações adequadas e bem urbanizado, muito frequentado por moradores do bairro da Aclimação, que deve seu nome ao referido jardim.

Entre tantas outras realizações, iniciou entre nós a cultura do arroz por métodos de irrigação, bem como implementou o saneamento da cidade de Santos, notadamente na zona do Porto, trazendo para isso o engenheiro Saturnino de Brito.

O Dr. Carlos José Botelho foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico e da Sociedade Rural de São Paulo — da qual também foi presidente. Organizou e patrocinou exposições de animais de raça em várias cidades, como Campinas, Pindamonhangaba, Itapetininga, São Carlos, Batatais, entre outras.

Os que com ele conviveram referem ter sido homem afável, educado, extremamente culto e de fino trato. Foi casado com a sra. Constança de Brito Sousa Filgueiras, com

quem teve três filhos: Dr. Carlos José Botelho Jr., radicado em Paris, cirurgião e ex-diretor do centro anticanceroso do Hotel Dieu; D. Constança de Macedo Costa, casada com o Dr. Augusto de Macedo Costa; e o Sr. Antonio Carlos de Arruda Botelho, casado com D. Olímpia Uchoa de Arruda Botelho, pecuarista e agricultor.

O Dr. Carlos José Botelho faleceu aos 92 anos, em março de 1947, em sua fazenda, no município de São Carlos, cidade fundada por sua família.

Gladstone F. Machado

Membro Emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões

Professor ou tutor?

Arary da Cruz Tiriba

Catedrático imponente, superior, soberbo, de longínqua verticalidade, a perder de vista pelo discípulo? Nada disso: um igual. Sempre manteve estreito contato com o alunado. Pensava que o entrosamento favorecia, com naturalidade, a incorporação da humanização no futuro exercício do clínico. Assim, além de afirmar a aproximação, modelava o caráter profissional do jovem, paralelamente ao ensino da clínica. Se problemas pessoais atingiam o discípulo, o Mestre virava ator na busca da solução. Jamais se arrependeu por manter esse vínculo.

Certa vez, tratou-se da estagiária, a qual cursava o 4º ano de Medicina pela Universidade Latino-Americana. Fina, bem educada, debruçada ao leito dos enfermos. Porém, muito reservada.

Informação confidencial de parceira em aprendizado avançado: moça procedente de país pobre, de família numerosa, tradicional, cujo chefe — agropecuarista de recursos —, inflexível, não aceitava transgressão ao respeito paterno; a jovem conheceu um estudante de Medicina, originário do Nordeste brasileiro — refugiado político —, que escolhera o país latino-americano vizinho para ser esquecido na terra natal.

Paixão à primeira vista! Rapaz de classe social elevada, mas militante universitário de esquerda, marcado pela política política para ser “apagado”, ao tempo do regime dos generais. O pai do moço, autoridade nomeada, conseguiu trazê-lo de volta ao Brasil e, melhor ainda, transferi-lo para a universidade paulistana, na expectativa de que, no novo ambiente, as atividades partidárias do filho fossem postas de lado, deixando-o a salvo da repressão governamental. Assim foi feito, porém... Em franco desafio ao regime patriarcal, a universitária fugiu para juntar-se ao eleito, em São Paulo. No lar paterno, era selada a sentença da estudante: Portas fechadas! Não mais integrante da família! Menção de seu nome sob proibição!

E foi assim que a formosa latino-americana de voz suave e semblante triste foi interpretada pelo Mestre.

Sua entrada em cena. Palestra científica agendada na Sociedade Médica da capital do país latino-americano em questão. Compromisso cumprido, em sequência, solicitou

encontro com os pais da proscrita. Ambiente sóbrio, sem vislumbre de sorriso. Ouvidores imperturbáveis — analistas —, sob irreduzível mudez!

Qualificou-se, então, o Mestre. Mentor de jovens estudantes, ocasionalmente tutor temporário; sim, substituto dos pais! Pediu permissão para comentar a questão delicada que não lhe dizia respeito; caso fosse aceita, prosseguiria; se rejeitada, agradeceria a hospitalidade e retirar-se-ia de volta ao Brasil. Obtido o aval, o Professor redesenhou a imagem da egressa, sua estagiária.

Conduta, dedicação, frequência, desempenho, lembrança constante do lar paterno... Mas algo a distinguia, a personalidade... Determinativa! Definitória! Nada comum entre acadêmicos. Parecia, ao Mestre, advinda... de herança!

— Arriscaria dizer-lhes [fala do Professor aos genitores] que, entre seus numerosos herdeiros, quem mais se iguala ao caráter paterno... é *su filha* — futura médica —, eleitora de profissão exigente de decisões unipessoais, por vezes imediatas, radicais...

Da senhora para o marido — um humilde olhar orvalhado —, sem palavras, o apelativo pela anistia. Opinião do Professor (ou Tutor)... Olhar de mãe... Ufa! Patriarca cedente...

Matrimônio selado. Calendários se escoaram. Ao retorno da liberdade política, ele, médico e Senador da República Federativa do Brasil. Ela, naturalizada brasileira, dirigente de Medicina Social. O filho, também médico especializado.

Um dia, houve rápido encontro na rampa do hospital de ensino do Professor [ou Tutor?] com o médico Senador. Ao lado, o trôpego velhinho. O parlamentar amparava o patriarca arqueado, conduzindo-o à sessão de radioterapia. Após o aperto de mãos, o Mestre identificou-os de pronto. Mas não foi reconhecido. Que importa!

Era uma vez uma princezinha de um reino distante... O rei, seu pai, unicamente ele, decidiria o futuro da princezinha...

O leitor pode enfeitar, se quiser. Da vida real para a historinha infantil.

Arary da Cruz Tiriba

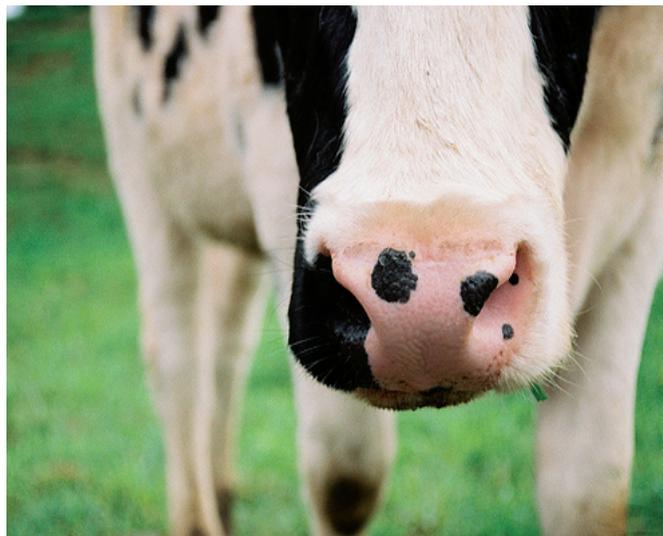
Diretor cultural da Academia de Medicina de São Paulo

Histórias engraçadas

José Carlos Barbuio

Céu

Uma mulher estava muito preocupada em saber se seu marido, que havia morrido, estava no céu. Ela, então, rezou com fervor e pediu a Deus se seria possível falar um pouquinho com ele. De repente, ela ouviu: “Alô, Célia, aqui é o Marcelo”. “Marcelo?”, ela exclamou. “Eu queria saber se você está feliz. Como é aí?” “É muito mais bonito do que eu imaginava”, respondeu ele. “O céu é muito azul, o ar é limpíssimo, a paisagem, o gramado, são de um verde brilhante. Não me falta nada aqui, eu como e durmo, como e durmo.” “Graças a Deus que você está no céu!”, ela exclamou, quase chorando. “Céu?”, retrucou ele. “Eu sou um boi e moro em uma fazenda no Rio Grande do Sul.”



Disponível em: <<http://meias-quimeras.blogspot.com/2011/04/0-pupilar-do-pavao.html>>

Animal de estimação

Um homem entra em uma loja de animais de estimação, vê um pássaro particularmente bonito e pergunta o seu preço. O dono da loja responde: “Trinta mil reais”. “Nossa! Por que tão caro?” “Ele fala fluentemente italiano, francês e inglês”, respondeu o dono. “E aquele marrom, quanto custa?” “Quarenta e cinco mil reais.” “Nossa! Por que este preço?” “Ele fala japonês, mandarim, coreano e árabe.” “E aquele pequenino lá no fundo?” “Cem mil reais.” “Cem mil reais?! O que ele faz?” “Eu não sei, mas os outros dois o chamam de presidente.”

A senhora e seu gato

Uma pobre senhora solitária vivia em uma casa velha, tendo como amigo apenas um gato. Um dia, quando acabou a energia, ela foi até o porão e pegou uma lamparina antiga. Quando a acendeu, apareceu um gênio, que logo lhe ofereceu três pedidos. Então, ela pediu: “Primeiro, quero ser rica o suficiente para nunca mais precisar trabalhar. Segundo, quero ser bonita novamente. E, terceiro, quero que meu gato se transforme em um lindo príncipe!”. *Bum!* Apareceu um baú cheio de moedas de ouro. Também ela se olhou no espelho e se viu linda. Por fim, apareceu um príncipe, que foi logo lhe dizendo: “Acho que você vai se arrepender de ter me levado ao veterinário para fazer aquela ‘operação’”.



José Carlos Barbuio
Advogado e escritor

Hospital do Servidor

Sábias palavras, Doutor Ivan!

Luiz Celso Mattosinho França



Disponível em: <<http://lilebrasil.com.br/site/index.php/2010/01/08/hospital-do-servidor-abre-inscricoes-pata-especializacao/>>.

Meu primeiro contato com o Hospital do Servidor foi, ao receber meu holerite como médico legista da Polícia, deparar com desconto para a construção do Hospital. Anos mais tarde, retornando dos Estados Unidos após residência em Patologia, vi-me desempregado. Na USP, o Mignone, catedrático, cujo filho recusava-se a ser chamado de neto, não me quis. Não achei vaga em Curitiba, nem em Ribeirão. Em São Paulo, recém-inaugurado, lá estava o Hospital do Servidor, apelidado de *O Belo Antonio*, uma alusão ao filme italiano no qual o galã era impotente. Reynaldo Figueiredo, granfiníssimo, genro de banqueiro, me contratou, com a ressalva de eu trazer indicação de um político, ao que retruquei que o único que conhecia era o Gabriel Quadros, pai do Jânio, a quem eu tinha autopsiado na Polícia, com que então fui indicado pelo Chefe da Casa Civil e empossado.

A cúpula era notável. Francisco Morato, líder dos servidores públicos, dirigia o Conselho com mão firme, formado ele pelos médicos Alípio Correa Neto, Titular de Cirurgia das duas faculdades da Capital, Octavio Martins Toledo, do Isolamento, e Habib Carlos Kirilos, da Secretaria. O Diretor Clínico, Nemésio Bailão, trouxe para cá a fina flor do Hospital das Clínicas:

Arthur Wolff Netto, na Ginecologia, Waldemar Henrique Cardim, no Berçário, Reynaldo Chilverini, na Clínica Médica, Eugenio Mauro, na Cirurgia, bem como numerosos ex-residentes, como Angelita Gama, Conceição Mattos Segre, Anói Cordeiro, Hartmut Grabert; dos médicos, trouxe Evaldo Melo e tantos outros.

O desafio era grande, a ser enfrentado pelo entusiasmo e pelo preparo à altura. Em poucos anos, nas décadas de 1960 e 1970, o Hospital do Servidor tornou-se um hospital de ponta. Tinha embutido fatores letais, entretanto, destacando-se a baixa remuneração do corpo clínico, a ausência de carreira, a compra de equipamentos por menor preço, a falta de manutenção especializada e a ausência de conselho científico garantindo os rumos do progresso científico, agravados por administrações dissociadas do corpo clínico.

Certa feita, na evolução do projeto de pesquisa sobre a doença de Chagas em camundongos com o Masayuki Okumura e o residente da primeira turma, de 1967, Antonio Ivan Silva*, intelectual e sambista, nos deparamos com o quadro inflamatório hepático, indo buscar socorro no Instituto Biológico, que foi edificado à volta do internacional Rocha Lima, em altíssimo padrão de construção e equipamentos. Não encontrando o titular Paulo Bueno, o *Geheimrat*, único autorizado a olhar lâminas no Serviço, circulamos pelo prédio. Funcionários desmotivados, pesquisas paradas, abandono geral. Com que o então residente Ivan conjecturou: “Será que o Servidor vai dar nisso?”.

Sábias palavras, Doutor Ivan!

* O Dr. Antonio Ivan Silva é médico em Pariquera-Açu e Diretor do Sindicato.

Luiz Celso Mattosinho França

Titular da Cadeira 4 da Academia de Medicina de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.